**Resumo** do artigo: “*Evolving skills. Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, 273-297.*” – Ingold, T. (2000).

No texto apresentado, Ingold defende que o conceito de que o ser humano como a soma de três partes complementares, corpo, mente e cultura – o que ele denomina Tese da Complementaridade – é perigosamente mal concebido!

Do ponto de vista biológico, o autor aponta que a ideia de evolução Darwinista sugere que o desenvolvimento de um organismo não acontece em si (ontogenia), mas sim em nível de espécie – genótipo, o qual, por definição, é dado independentemente de algum contexto cultural, de vivência ou desenvolvimento – e essa é uma visão insuficiente para compreender o ser humano.

O artigo discorda da visão apresentada por 3 grandes áreas de conhecimento: biologia evolucionária, ciência cognitiva, teoria da cultura, no sentido de que todas – cada qual em sua perspectiva de pesquisa – reforçam a ideia de que o ser humano nasce com um conjunto de capacidades predefinidas e que na relação com o ambiente elas serão “ativadas”. Em uma leitura acelerada, o conceito até faria sentido, no entanto, Ingold nos faz navegar por seu texto e encontrar contradições nessas ideias, pois, segundo o autor, não é possível separar completamente o indivíduo, sua mente e a sociedade (cultura).

O autor apresenta costuras de raciocínio bem estruturadas, com conceitos da psicologia ecológica e da teoria antropológica da prática para demonstrar que a crença de que a cultura é um fator acima do organismo, ou superior à biologia, poderá ser bem mais representada se considerar que não é algo adicional aos organismos, mas sim uma medida das diferenças entre eles, as quais resultam da interação da relação humano x meio, cuja complexidade não permite supor que há uma pré-progamação que possa ser replicada, na ausência de condições idênticas de experiência. Não há crianças iguais. Não há pessoas iguais.

Como conclusão, o conceito de evolução que o autor defende não é estatístico e de volume, mas sim de construção através da relação indivíduo x contexto x cultura, com um corte entre esses elementos e não como independentes. Assim, participamos como agentes integrais da nossa própria construção e da continuidade da vida orgânica e da evolução.

**Questões** do artigo: “*Babies and bodies. Chapter 10.*” – Barret, L. (2011).

Adorei o texto.

- Diante a relevância da percepção do corpo em relação ao ambiente, o texto me trouxe uma profunda reflexão sobre as condições que estimulam ou que disfarçam os limites do corpo e mente humanos em relação a um conjunto social, ou seja, o quanto uma organização pode influenciar o descolamento da percepção individual do próprio indivíduo em relação a seu ambiente. Sei que é uma reflexão “adiantada” (leia-se, uma viagem rs), mas o texto me provocou a encarara ainda mais profundamente a responsabilidade das organizações na composição do “espaço de ser” dos indivíduos, para que possam reconhecer suas potencialidades e capacidades.

- Outro ponto muito interessante que o texto me despertou foi o desafio (e oportunidade) de enxergar o valor do corpo como instrumento da construção de si. Na interação entre o que somos e o que podemos criar e interagir com o contexto há uma potência gigantesca para a autorrealização – concretização da potência.

- Como a influência social e cultural – que pode ir de profundo reconhecimento da individualidade à total ignorância do ser humano como indivíduo – terá consequências na vida adulta de quem, enquanto criança, foi privado(a) de enxergar e experienciar sua relação com o mundo? Qual o papel do estímulo de interação na construção do ser?